

Interseções entre a historicidade da língua
e a historicidade do texto
sob a ótica das Tradições Discursivas



LaborHistórico

Volume 4 - Número 2 - jul./dez. 2018

Sumário

Apresentação	10
---------------------	----

Cleber Alves de Ataíde
Valéria Severina Gomes

Dossiê Temático

<i>Como formar um público culto? Necrológio para a tradição discursiva Guia de Parque Zoológico</i>	13
--	----

Iryna Gaman
Konstanze Jungbluth

<i>Cartas oficiais dos séculos XVIII e XIX: aspectos pragmáticos, textuais e linguísticos</i>	34
--	----

Maria Cristina de Assis
Maria das Graças Carvalho Ribeiro

<i>Tradições discursivas em anúncios de fugitivos nos jornais do Recife</i>	48
--	----

Ana Karine Pereira de Holanda Bastos

<i>O anúncio publicitário na escatologia dos folhetos de cordel</i>	69
--	----

Linduarte Pereira Rodrigues

<i>Um estudo das formas verbais imperativas em cartas pessoais dos séculos XIX e XX</i>	81
--	----

Aldeir Gomes da Silva

Varia

*A variação diatópica dos pronomes pessoais Tu e Você
em cartas de amor do sertão pernambucano do século XX* 92

*Cleber Alves de Ataíde
Tallys Júlio Souza Lima*

Variação sociolinguística e dialetológica: um estudo contrastivo entre Cuiabá e Covilhã 104

*Jussara Maria Pettenon Dallemole
Paulo Osório
Maria de Jesus Carvalho Patatas*

*Toponímia menor e conservadorismo lingüístico:
algúns exemplos contemporâneos da cidade da Coruña* 135

Xosé Manuel Sánchez Rei

Um estudo das formas verbais imperativas em cartas pessoais dos séculos XIX e XX

A study of imperative verbal forms in personal letters of the 19th and 20th centuries

Recebido em 26 de agosto de 2018. | Aprovado em 05 de outubro de 2018.

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v4i2.17498>

Aldeir Gomes da Silva ¹

Resumo: Este estudo analisa cartas pessoais pernambucanas escritas nos séculos XIX e XX, a fim de verificar o comportamento variável do uso de imperativos nas correspondências, bem como observar quais outras formas não verbais podem e são usadas com objetivo de fazer pedidos, exortações etc., considerando os processos de elipse dos verbos, principalmente nas sessões de captação de benevolência, recomendações e despedida das missivas. No que diz respeito às formas imperativas textualmente marcadas, temos por objetivo verificar quais ações podem ser expressas através dos verbos no contexto das cartas analisadas. Para tanto, baseamo-nos na teoria de Tradição Discursiva (KOCH, 1997; KABATEK, 2006; COSTA, 2012), que caracteriza modelos textuais, social e historicamente convencionalizados, que fazem parte da memória cultural de uma comunidade (LONGHIN, 2014) e abrangem distintos graus de abstração e complexidade de modelos textuais. Além de ser uma rica fonte aos estudos da história das línguas, as cartas pessoais constituem um exemplo eficaz da relação existente entre tradições existentes e inovação no contexto sócio-histórico, e o uso dos imperativos nas correspondências oferece um recorte dessa relação. Para a realização desta análise, foram coletadas 60 correspondências produzidas entre os anos de 1901 e 1969. Para a discussão dos dados, apoiamo-nos nos conceitos da sociolinguística (LABOV, 1994 *apud* LOPES, 2011) na análise quantitativa das ocorrências (ou não ocorrências) de imperativos nas sessões de captação de benevolência, recomendações e saudações das cartas pessoais. Os resultados desta pesquisa apontam para a constatação de que a variação é “mais sistemática e predizível tanto estrutural quanto socialmente” (LOPES, 2011, p. 365).

Palavras-chave: Imperativo; Cartas pessoais; Tradição Discursiva.

Abstract: This study promotes an analysis of personal letters from Pernambuco written in the 19th and 20th centuries, in order to verify the variable behavior from the use of imperatives in correspondence, as well as observe what other nonverbal forms can be used for the purpose of making requests, exhortations, ect., considering the ellipse processes of verbs, especially in the sessions of captivation of benevolence, recommendations and farewell of missives. With regard to verbatim imperative forms, we aim to verify which actions can be expressed through the verbs in the context of the letters analyzed. For this, we are based on the theory of Discursive Tradition (KOCH, 1997; KABATEK, 2006; COSTA, 2012), which characterizes textual, social and historically conventionalized, models that are part of the cultural memory of a community (LONGHIN, 2014) and cover different levels of abstraction and complexity of textual models. In addition to being a rich source for the study of the history of languages, personal letters are an effective example of the relation between existing traditions and innovation in the socio-historical context and the use of imperatives in correspondence offers a cut of this relation. For the accomplishment of this analysis, were collected 60 correspondences produced between the years of 1901 and 1969. For the discussion of the data, we rely on the concepts of sociolinguistics (LABOV, 1994 *apud* LOPES, 2011) in the quantitative analysis of occurrences (or not occurrences) of imperatives in the sessions of captivity of benevolence,

¹ Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco. gomes.aldeir@yahoo.com.br.

recommendations and greetings from personal letters. The results of this research point to the observation that the variation is "more systematic and predictable both structurally and socially" (LOPES, 2011, p. 365).

Keywords: Imperative; Personal letters; Discursive tradition.

Considerações iniciais

É sabido que as cartas pessoais são fortemente marcadas pela presença de traços informais que simulam, em muitos casos, uma conversa face a face. Por tal motivo, esse gênero constitui um *corpus* bastante apreciado em estudos históricos de uma língua (SILVA, 2017). A partir da análise das missivas, podemos ter uma visão, mesmo que parcial (influenciada por fatores geográficos, sociais, econômicos etc.), da língua praticada em determinado lugar e momento histórico.

Sob essa perspectiva, este estudo promove uma análise de cartas pessoais escritas nos séculos XIX e XX, a fim de verificar o comportamento variável do uso de imperativos nas correspondências. Pretendemos, também, observar como outras formas, com ou sem o emprego do imperativo, podem e são usadas com o objetivo de realizar pedidos e ordens. Consideramos, para tanto, os processos de elipse dos verbos, principalmente nas sessões de captação de benevolência, recomendações e despedida das missivas. No que diz respeito às formas imperativas textualmente marcadas, temos por objetivo verificar quais ações podem ser expressas através dos verbos no contexto das cartas analisadas.

Por ser caracterizada pela espontaneidade, proximidade e por diferentes níveis de intimidade entre remetente e destinatário (SOUZA, 2012), a estrutura da carta pessoal pode sofrer variações, que implicam numa mudança nas formas verbais empregadas, com a finalidade de fazer um pedido, uma exortação ou uma recomendação. Partimos, pois, da hipótese de que, devido à natureza dos textos e do gênero, algumas cartas apresentam mais ou menos construções imperativas que outras, o que pode limitar ou motivar o uso de tal forma verbal, preferencialmente, no final da missiva. Além disso, verificamos que, a partir do início do século XX, há certa alternância do imperativo (receba um abraço) e do indicativo (*envio-te um abraço*) nesse contexto da carta. Buscamos, portanto, responder as seguintes perguntas: *quais fatores linguísticos, extralinguísticos ou discursivos podem motivar o uso de diferentes formas verbais na sessão de saudações finais das cartas pessoais? E qual a relação de dessas formas verbais e suas variações com a noção de Tradição Discursiva no fechamento das cartas?*

Iniciamos este trabalho apresentando uma breve abordagem histórica do imperativo no Português Brasileiro. Em seguida, fazemos uma revisão teórica do conceito de Tradição Discursiva, que norteia nossa análise. Depois disso, tratamos dos procedimentos metodológicos utilizados. Mais adiante, expomos e comentamos as ocorrências do imperativo e do presente do indicativo nas cartas dos séculos XIX e XX. Finalizamos este trabalho com as considerações finais e referências.

1. Breve panorama histórico do imperativo no PB

Ataliba Teixeira de Castilho, em sua *Gramática do Português Brasileiro* (2010), explica que as “sentenças imperativas ocorrem em situações sociais em que o locutor ordena/sugere/pede ao seu interlocutor que faça algo”. O mesmo autor (2010, p. 327) classifica esse tipo de sentença em dois grupos distintos:

- a. Imperativas diretas: ocorrem quando o falante/escrevente ocupa uma posição socialmente superior ao interlocutor. As sentenças são marcadas por núcleos verbais ou adverbiais, como em *Para fora, saia!*
- b. Imperativas indiretas: relação social entre locutor e interlocutor invertida, ocasionando sentenças mais complexas, envolvendo o pedido ou exortação, como em *Eu gostaria que o senhor saísse*.

Câmara Jr. (1970; 1975 *apud* FÁVARO, 2016) aponta que, desde as origens latinas, já havia “certa fluidez entre a concepção de imperativo e a de subjuntivo como expressão de desejo”. Dessa forma, o uso do subjuntivo com valor imperativo (*estude muito para passar de ano*) constituía uma forma polida de dar uma ordem. O mesmo autor também observa que o Português Brasileiro apresenta uma inclinação à substituição do imperativo pelo indicativo presente (*faz o que te peço*), inclusive nas proibições, nas quais há substituição das formas do subjuntivo.

Ainda sobre a herança imperativa latina, Scherre (2007, p. 7) argumenta que o registro gramatical tradicional de que o português tem imperativo próprio apenas para a segunda pessoa remonta a uma “verdade

diacrônica, associando as formas imperativas do tipo *deixa/recebe/abre/dá/diz/vai* ao imperativo latino, um modo verbal distinto do modo indicativo, cuja segunda pessoa singular é derivada da forma infinitiva sem a última sílaba”.

Faraco (1986, *apud* SCHERRE, 2007) considera que as formas imperativas denominadas próprias (*dá/diz/vai*) são consideradas formas indicativas com valor semântico de atos de fala impositivos. O autor argumenta que a segunda pessoa do singular do imperativo e a terceira pessoa do singular do presente do indicativo são morfologicamente semelhantes. Essa homofonia foi historicamente desenvolvida a partir da queda do -t final da terceira pessoa do singular do presente do indicativo no latim (*cantat - canta*). No quadro a seguir, retirado do estudo de Scherre (2007)², são expostos nove verbos em suas formas no infinitivo, na segunda pessoa do imperativo singular, na segunda pessoa do presente do indicativo no singular e na terceira pessoa do singular do presente do indicativo nas formas latina e portuguesa, a fim de evidenciar a grande semelhança da maioria das formas latinas imperativas com as formas subjuntivas.

INFINITIVO	2ª PESSOA DO IMPERATIVO AFIRMATIVO SINGULAR	2ª PESSOA SINGULAR DO PRESENTE INDICATIVO	3ª PESSOA SINGULAR DO PRESENTE INDICATIVO
1) LAXARE Deixar	LAXA Deixa	LAXAS Deixa/Deixas	LAXAT Deixa
2) RECIPERE Receber	RECIPE Recebe	RECIPI S Recebe/Recebes	RECIPIT Recebe
3) APERIRE Abrir	APERI Abre	APERI S Abre/Abres	APERIT Abre
4) DARE Dar	DA Dá	DAS Dá/Dás	DAT Dá
5) DICERE Dizer	DIC Diz	DICI S Diz/Dizes	DICIT Diz
6) IRE Ir	I Vai	IS Vai/Vás	IT Vai
7) AMARE Amar	AMA Ama	AMAS Ama/Amas	AMAT Ama
8) VIDERE Ver	VIDE Vê	VIDE S Vê/Vês	VIDET Vê
9) FACERE Fazer	FAC Faz	FACI S Faz/Fazes	FACIT Faz

Quadro 1. Formas verbais em latim e português (SCHERRE, 2007, p. 197).

Castilho (2010, p. 153) afirma que “as alterações fonológicas ocorridas nesse modo verbal deram origem a uma regra mnemônica divulgada nas gramáticas, segundo a qual se obtém o imperativo retirando o {-s} do presente do indicativo”. Sobre o uso atual do imperativo, em sua Gramática do Português Contemporâneo, Celso Cunha (1970) comenta que “embora a palavra *imperativo* esteja ligada, pela sua origem, ao latim *imperare* “comandar”, não é para ordem ou comando que, na maioria dos casos, nós usamos este modo”. Para o autor, as formas imperativas afirmativas e negativas são usadas em orações principais ou coordenadas com a intenção de expressar ordem ou comando, exortação ou conselho, convite ou solicitação e súplica.

Bechara (2009, p. 283) expõe que o infinitivo pode substituir o imperativo em ordens instantes (*não ligar a geladeira*) e que o verbo *querer* (ao lado do subjuntivo presente) é usado seguido de infinitivo com o objetivo de suavizar uma ordem (*queira se retirar*). Nesse sentido, outros recursos linguísticos podem ser empregados para a substituição e suavização do modo imperativo, como, por exemplo:

² SCHERRE, M. M. P. Aspectos sincrônicos e diacrônicos do imperativo gramatical no português brasileiro. *Alfa*, São Paulo, 51 (1), p. 189-222, 2007.

- Sintagmas nominais e algumas interjeições - *Mãos ao alto*;
- Presente do indicativo - *Você me traz uma água*;
- Construções clássicas com o futuro do presente - *Não roubarás*;
- Imperfeito do subjuntivo para transformar a ordem numa simples sugestão - *Se você se calasse!* (CUNHA, 1970 *apud* FÁVARO, 2016);
- Alguns verbos em gerúndio - *Circulando!*

Consoante Scherre (2007, p. 213), “é o imperativo na forma associada ao subjuntivo que assegura inequivocamente uma leitura diretiva”. Nesse contexto, ainda de acordo com a autora, na escrita não-dialógica, esse modo verbal “associado à forma indicativa só tende a ocorrer com âncoras discursivas que podem ser balões, vocativos, rimas e ícones”. Verificamos, pois, que o vasto aporte teórico sobre o imperativo, juntamente com a gama de opções que o falante do Português Brasileiro dispõe para exprimir ordens, pedidos etc. refletem o caráter maleável dos discursos, que – como reflexo das relações humanas – hora podem ser mais autoritários, hora mais permeados por cortesia.

Ao buscarmos mapear as ocorrências de verbos no indicativo relacionados à segunda pessoa do singular tu (forma indicativa) e você (forma subjuntiva) – bem como a supressão de tais formas, relacionada, principalmente, à seção de recomendações e despedida de cartas pessoais dos séculos XIX e XX – estamos levando em consideração fatores discursivos que são determinantes na escolha dos escreventes. Tais fatores são investigados à luz do modelo de Tradição Discursiva, como veremos a seguir.

2. O modelo de Tradição Discursiva aplicado ao uso de imperativos

Levando em consideração a natureza do gênero carta pessoal, podemos detectar a existência de formas imperativas que podem ser consideradas tradições discursivas. Nesse sentido, é necessária uma breve abordagem sobre este conceito, essencial para qualquer investigação de caráter histórico.

Trabalhos anteriores (SILVA, 2017; SILVA; GOMES, 2017)³ afirmam que esse conceito foi desenvolvido com base nos estudos de Coseriu (1979), que propôs três níveis de atividade linguística, dos quais, o nível histórico corresponde aos estudos da historicidade da língua. Peter Koch (1997) sugere a duplicação do nível histórico do modelo de Coseriu, situando, de um lado, as línguas históricas e, de outro lado, as tradições de textos ou tradições discursivas. Desse modo, Koch dá relevo à historicidade da língua e à historicidade do texto. De acordo com Longhin (2014), as tradições discursivas são modelos textuais, social e historicamente convencionalizados, que fazem parte da memória cultural de uma comunidade. Longhin parte do ponto de vista de Kabatek (2006, p.7), que diz que o conceito de Tradição Discursiva (TD) consiste na

repetição de um texto ou de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou falar que adquire valor de signo próprio (portanto é significável). Pode-se formar em relação a qualquer finalidade de expressão ou qualquer elemento de conteúdo, cuja repetição estabelece uma relação de união entre atualização e tradição; qualquer relação que se pode estabelecer semioticamente entre dois elementos de tradição (atos de enunciação ou elementos referenciais) que evocam uma determinada forma textual ou determinados elementos linguísticos empregados.

Castilho da Costa (2012, p. 148) afirma que “o lugar das tradições discursivas na teoria linguística está inevitavelmente ligado ao próprio conceito de texto”. Assim sendo, compreendemos que todo texto é um tipo de ação linguística e as TDs abrangem distintos graus de abstração e complexidade de modelos textuais. Segundo Koch (1998, p. 14), todo discurso está situado em determinadas tradições históricas:

³ SILVA, A. G.; GOMES, V. S. Correspondências entre amigos pernambucanos da primeira metade do século XX: tradição discursiva e ensino. *Revista do GELNE*, v.18, p.80 - 104, 2017.

SILVA, A. G. Cartas de Amor Pernambucanas da primeira metade do século XX: uma análise do subgênero. *Diálogo das Letras*, v. 5, p. 199 - 215, 2017.

De um lado, na tradição de uma dada língua particular (ou variedade linguística), de outro, em determinada tradição discursiva. Esse último termo diz que todo discurso é exemplar de algum gênero literário, gênero textual ou forma conversacional, apresenta traços de uma determinada orientação estilística, serve para execução de atos de fala marcados historicamente etc.

Desse modo, os estudos de Koch (1998) a respeito de tradições discursivas vêm ao encontro das investigações de Todorov (1980 *apud* PESSOA, 2002), que assevera que cada gênero “é sempre uma transformação de um ou vários gêneros antigos: por inversão, por deslocamento, por combinação”. Os gêneros estão intrinsecamente articulados com as práticas sociais, aspectos cognitivos, interesses, relações de poder, tecnologias, atividades discursivas e culturais. Marcuschi (2011, p. 19) diz que “eles (os gêneros) mudam, fundem-se, misturam-se para manter sua identidade funcional com inovação organizacional”. Nesse sentido, além de ser uma rica fonte aos estudos da história das línguas, as cartas pessoais constituem um exemplo eficaz da relação existente entre tradições existentes e inovação no contexto sócio-histórico e o uso dos imperativos nas correspondências oferecem um recorte dessa relação.

Nesse contexto, nossa análise está pautada na concepção de TD como forma de dizer na composição das cartas pessoais. Kabatek (2006, p. 4) considera que uma TD pode ser constituída por “modos tradicionais de dizer as coisas, modos que podem ir desde uma fórmula simples até um gênero ou uma forma literária complexa”. O mesmo autor, ao analisar os juntores e as relações semânticas por eles expressas, toma tais elementos como modos de dizer. Lopes (2011) também defende que as TD são modos de dizer tradicionais ao analisar as formas pronominais no português brasileiro nos séculos XIX e XX. Assim, compreendemos que o uso de imperativos, bem como de outras formas verbais, nas sessões de saudação e despedidas das correspondências pessoais constituem modos de dizer, estratégias linguístico-discursivas recorrentes, que podem se configurar, ou não, como TD, mas que indicam o tipo de vínculo estabelecido entre os interlocutores.

3. Procedimentos metodológicos

Para a análise, foram coletadas 27 cartas, produzidas entre os anos de 1873 e 1950, compreendendo, portanto, nove décadas dos séculos XIX e XX. Para cada década, foram coletadas três missivas. As correspondências coletadas foram produzidas, nos estados de Pernambuco e Rio de Janeiro e foram coletadas em arquivos públicos (cartas pernambucanas) e retiradas do Volume VI do PHPB (2005)⁴ (cartas cariocas). Dentre os escreventes, encontramos apenas pessoas ilustres, com algo grau de escolaridade, como os escritores pernambucanos Mário Sette e Gilberto Freyre.

Para a discussão dos dados, apoiamos-nos nos conceitos da sociolinguística (LABOV, 1994) na análise quantitativa das ocorrências (ou não ocorrências) de imperativos nas seções de captação de benevolência, recomendações e saudações das cartas pessoais, uma vez que essas seções são as que, geralmente, mais apresentam pedidos, exortações e ordens nas cartas pessoais. Assim, estamos considerando que a variação é “mais sistemática e predizível tanto estrutural quanto socialmente. Dessa forma, há de se considerar, na análise linguística, a inter-relação de fatores internos e externos ao sistema” (LOPES, 2011, p. 365). Ademais, a sociolinguística histórica (CONDE-SILVESTRE, 2007) nos dá subsídios para um tratamento de dados no qual são considerados os fatores pragmáticos e papéis sociais dos interlocutores (GOMES; LOPES, 2016) que podem condicionar a opção por determinadas formas de uso do imperativo.

Realizamos uma análise de uma amostragem por década, na qual são verificadas as ocorrências e substituições de verbos no modo imperativo por outras formas verbais ou nominais nas seções supracitadas das missivas. Verificaremos, também, as elipses dos verbos no imperativo (*envio-te um abraço/um abraço*), que se configuram como Tradição Discursiva devido ao uso recorrente, evocado nos locais de fechamento da carta (KABATEK, 2004; GOMES; LOPES, 2016), que provoca a erosão de elementos ao longo do tempo.

Além disso, nossa análise é conduzida pelas formas passivas dos verbos encontrados. Em relação à passividade, Bechara (2009, p. 222) salienta que se trata de uma voz e forma especial em que se apresenta o verbo

⁴ LOPES, Célia; MACHADO, Ana Carolina; PAGOTTO, Emílio; DUARTE, Eugênia; CALLOU, Dinah; OLIVEIRA, Joseane; ELEUTÉRIO, Silvia; MARTELOTTA, Mário. A configuração da norma brasileira no século XIX: análise das cartas pessoais dos avós Ottoni. In: Tânia Lobo, Ilza Ribeiro, Zenaide Carneiro e Norma Almeida (Orgs.). *Para a História do Português Brasileiro*. Vol. VI – Novos dados, novas análises, Tomo II. Salvador: EDUFBA, 2005, p. 781-815.

para indicar que o sujeito recebe a ação. A passividade pode ser expressa, pela clássica voz passiva e pela voz ativa, desde que o verbo tenha caráter passivo⁵. Bechara (2009, p. 289) ainda observa que são várias as situações que podem “levar o falante ou escritor a buscar novos meios expressivos. São questões que fogem ao âmbito da gramática e constituem preocupação estilística”. A seguir, veremos o que os dados revelam sobre essa variação de formas verbais, que se configura como TD.

4. O comportamento variável das formas verbais nas cartas analisadas

Retomando o que falamos anteriormente sobre passividade, iniciamos esta seção com uma reflexão sobre a voz verbal. As gramáticas convergem ao afirmar que os verbos nas orações podem apresentar-se sob as formas ativas e passivas. Nesse contexto, podemos localizar alguns verbos que indicam passividade (*receber, aceitar etc.*) no meio de um *continuum* que parte da voz ativa e passa para a voz passiva. O comportamento de tais verbos nas cartas apresenta certa estabilidade em relação à finalidade comunicativa proposta: a de fazer recomendações e pedidos, muitos deles carregados de sentimentalismo, como podemos notar nos excertos:

- (1) Aceite lembranças e saudades de seu mano amigo sempre. (Carta 1, 1873)
- (2) Recebe a benção e um abraço saudoso de Teu avô muito amigo (Carta 3, 1879)
- (3) Você e papai aceitem um abraço do filhinho Waldemar (Carta 11, 1908)

Considerando a natureza do gênero carta pessoal e as relações de intimidade existentes entre os interlocutores do nosso *corpus*, compreendemos que a opção dos escreventes por verbos que remetem uma ação de receptividade por parte dos leitores se justifica por dois motivos básicos:

1. O gênero carta pessoal é tradicionalmente composto por muitas formas imperativas, relacionadas a pedidos, ordens, recomendações etc. Nesse contexto, o pedido para que o destinatário receba um abraço, por exemplo, seria um dos outros tantos pedidos que compõem o corpo da missiva, estando, pois, de acordo com as formas verbais recorrentemente empregadas no texto;
2. A relação entre os interlocutores influencia as formas verbais usadas nas saudações.

Para exemplificar, Cristiano Benedito Ottoni, autor da supracitada Carta 3, opta por usar uma forma verbal que indica passividade ao enviar um abraço a seu neto, uma criança. O mesmo escrevente, na Carta 4, faz uma série de exortações a seu neto Misael, usando construções com verbos no imperativo. Ao final, o remetente faz mais uma recomendação com imperativo: pede para a criança não deixar de querer bem – ou continuar querendo, ação verbal que podemos localizar no eixo da passividade – ao avô carinhoso.

- (4) Sê bom menino, ouve muito o que tua mamãe te disser, estuda bem nas horas de collegio, brinca bastante no resto do dia, e não deixes de querer bem a teu vovô e amigo. (Carta 4, 1881)

Além da variação no uso do imperativo, no contexto da amostra coletada, notamos que as formas verbais que exprimem passividade foram mais frequentes até o início do século XX, não sendo encontradas mais ocorrências dessas formas depois da década de 1940. A voz ativa é majoritária no número de ocorrências, constituindo 44% dos imperativos nas recomendações no final das cartas. Dentro do *corpus*, verificamos uma notável quantidade (29%) de recomendações e saudações sem verbo. Tais construções, recorrentes em quase todas as décadas, geralmente aparecem em contextos sentimentais e saudosistas, como nos fragmentos a seguir:

- (5) Adeus, meu caro Salvador. (Carta 2, 1875)
- (6) Mil saudades do Joaquim Nabuco (Carta 6, 1888)

⁵ Masip (2012, p. 54-55) aponta que, de acordo com as categorias aristotélicas de conceito, a passividade ou paixão é a ausência de ação por parte do sujeito, veiculada através de alguns verbos ou perífrases verbais.

- (7) Nossos respeitos a Sr^aBaroneza. (Carta 7, 1892)
- (8) Abraços e saudades do pai e amigo. (Carta 16, 1922)
- (9) Para você meus abraços e agradecimentos (Carta 21, 1939)

As construções nominais supracitadas são bastante recorrentes, não apenas como saudações de despedida em cartas pessoais, mas também no contato pessoal na atualidade, manifestado em diferentes meios de comunicação (numa chamada por telefone ou num *e-mail*, por exemplo). Consoante os estudos de Kabatek (2006, p. 9), podemos identificar tais elementos como TD, uma vez que “tradições de textos muito frequentes tendem à elipse e a uma crescente opacidade, de maneira comparável aos elementos linguísticos ao longo de um canal de gramaticalização”. Sendo assim, mediante a supressão do verbo (mandar ou enviar, no contexto de *envio-te um abraço*) o uso dessas saudações de despedida, como atos de fala, configura-se como TD na medida em que, de acordo com Kabatek (*op. cit.*), se segue uma tradição que vai além das regras da língua, ou muitas vezes até contrariando tais regras.

No que diz respeito às formas imperativas propriamente ditas, observamos a presença de verbos somente relacionados ao indicativo, não sendo encontradas formas subjuntivas do imperativo. Das onze ocorrências de imperativos (37% do total), encontramos, apenas em duas cartas o escrevente usou o paradigma da segunda pessoa do singular – *tu*, na forma negativa. As outras cartas seguem o paradigma da terceira pessoa, estando relacionado ao *você* como forma pronominal.

- (10) e não deixes de querer bem (Carta 4, 1881)
- (11) Cria-me seu amigo e patrício (Carta 10, 1903)

O predomínio das formas verbais referentes ao paradigma do *você* se explica, com base em Gomes e Lopes (2016)⁶, de acordo com as relações entre os interlocutores e a norma vigente em cada momento histórico, o que possibilitaria que as formas pronominais de segunda pessoa pudessem representar mais intimidade ou mais formalidade. As mesmas autoras (2016, p. 162) explicam que “uma generalização de *você* nos diferentes tipos de relação, confirmando o seu caráter polifuncional” pode ser encontrada desde o século XIX, confirmando que a “forma inovadora de 2P (segunda pessoa) se firmou, desde o início do século XX, como estratégia neutra para qualquer situação, acompanhando as mudanças nas relações sociais”. O próximo quadro mostra as ocorrências de verbos no imperativo nas saudações de despedida das cartas.

Década	Número de ocorrência de imperativos
1870	1
1880	5
1890	1
1900	4
1910	1
1920	0
1930	1
1940	1
1950	1

Quadro 2. Quantidade de ocorrências de imperativos por década.

Verificamos, pois, que as formas imperativas eram mais frequentes até o início do século XX. Em relação aos efeitos de sentido, percebemos que o imperativo é usado tanto para dar ordens (em relações familiares, por exemplo, nas quais o pai – dotado de autoridade – ordena algo ao filho) como para fazer exortações, pedidos etc.

⁶ As autoras tratam de cartas pessoais pernambucanas dos séculos XIX e XX.

Entretanto, tais formas não foram totalmente extintas, estando presentes em quase todas as décadas abrangidas pelo *corpus*. No século XX, houve uma redução no uso do imperativo nas seções de recomendação das cartas analisadas. Tal forma verbal foi substituída, nessa seção das cartas, por formas do presente do indicativo. Já nas saudações finais, a elipse do verbo tornou-se mais frequente, estabelecendo-se como modo de dizer do gênero, a partir do início do século XX. Dessa forma, com base nas cartas analisadas, podemos afirmar que expressões como as seguintes são comuns no gênero no período em questão:

- (12) Manda muitos beijos Papai e amamãe e abeluca e muitos abraços a todos (Carta 8, 1895)
- (13) Você e papai abraça e abençoe seu filhinho do coração (Carta 12, 1908)
- (14) Escreva. Beijos nossos. (Carta 19, 1933)
- (15) Lembranças para as tias e você receba um abraço do primo e amigo de sempre. (Carta 22, 1940)

Além do imperativo, constatamos que, na seção de despedida das cartas, o modo indicativo, no presente, é bastante frequente nas recomendações e saudações. Eis as ocorrências:

- (16) Abençoa-te, e de todo o coração te abraça Teu vovô muito camarada. (Carta 3, 1879)
- (17) Mãe envia-te a paz do senhor e Vivi também (Carta 25, 1949)
- (18) Mãe envia a paz (Carta 26, 1950)
- (19) Eu e mamãe enviam a paz a todos os seus (Carta 26, 1950)

Levando em consideração as relações de afetividade presentes nos fragmentos, podemos considerar que os verbos no presente do indicativo contribuem com a manutenção do teor sentimental das cartas, uma vez que as finalidades comunicativas estão bem delimitadas. Entendemos que o tempo presente que é usado nos exemplos acima, não apenas indica o tempo cronológico em que o escrevente sugere que a ação ocorra. Perpassando esse tempo, o presente do indicativo pode estar relacionado com um fato atemporal, mesmo que limitado ao contexto das cartas. Supomos que os escreventes, ao mandar um abraço ou a paz do Senhor, estão situando essas ações num tempo universal e constante.

Assim, através da observação dos dados, identificamos as TDs como elementos constitutivos do gênero carta pessoal. A configuração das formas verbais apresentadas como TDs mostra a variedade de meios pelos quais as finalidades comunicativas se manifestam, de acordo com o objetivo de cada carta e com as relações existentes entre os interlocutores. As TDs são fundamentais para a verificação dos traços de mudanças e permanências na língua, no discurso e nas demais marcas que evidenciam a identidade social dos escreventes e a relação existente entre interlocutores (SILVA, 2017).

Considerações finais

Como pudemos observar, as relações existentes entre os interlocutores, que na maioria dos casos são pessoas com um nível de intimidade elevado, conduzem os escreventes a usarem os modos de dizer que considerem adequados para cada situação comunicativa. O uso dos imperativos e das formas ativas e passivas do infinitivo nas despedidas e recomendações está condicionado a essas relações, uma vez que não são todas as pessoas, em todas as situações, que podem usar diretamente esse modo verbal para dar uma ordem ou aconselhar (função com maior predominância nas cartas analisadas), por exemplo.

O conceito de Tradição Discursiva nos ajuda, pois, a identificar os modos de dizer mais recorrentes nas análises, levando em consideração a história dos textos e da língua. No contexto das cartas pessoais, saudações de despedida como *um beijo* ou *um abraço*, por exemplo, se configuram como TD porque, a cada vez que são utilizadas, evocam uma tradição no do falar e social que remonta a séculos passados.

Defendemos, portanto, que o uso dos imperativos constitui uma TD e, considerando que a carta pessoal assume um caráter de conversação escrita (SILVA; GOMES, 2017), a utilização desse verbo constitui, também, tradição do falar. Apesar de notada diminuição na frequência, ao longo das décadas estudadas, os imperativos nas saudações finais das cartas podem ser, de certa forma, motivados pela configuração da própria carta, que recorrentemente apresenta várias ordens, pedidos, exortações.

Apesar da pouca abrangência da análise, esse trabalho indica alguns caminhos a serem seguidos em trabalhos vindouros. Em estudos futuros, a relação entre história dos textos e da língua à luz de TD pode ser retomada através da análise de textos de séculos anteriores, documentos oficiais, o uso do imperativo no contexto das cartas pessoais em contraste com as cartas comerciais, e até mesmo nas novas formas de comunicação oriundas da transformação do gênero carta.

Referências

- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- CASTILHO DA COSTA, Alessandra. Ação – formulação – tradição: a correspondência de Câmara Cascudo a Mário de Andrade de 1924 a 1944 entre proximidade e distância comunicativa. In: MARTINS, Marco Antonio; TAVARES, Maria Alice. *Projeto História do Português Brasileiro no Rio Grande do Norte: análise linguística e textual da correspondência de Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade – 1924 a 1944*. Natal: EDUFRN, 2012.
- CONDE SILVESTRE, Juan Camilo. *Sociolinguística histórica*. Madrid: Gredos, 2007.
- COSERIU, Eugênio. *Teoria da linguagem e Linguística geral*. Trad. Agostinho Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Presença Edições, 1979.
- CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática do português contemporâneo*. Belo Horizonte: Bernardo Álvares, 1970.
- FÁVARO, Gisela Sequini. *Estudo morfológico das formas verbais do modo imperativo nas Cantigas de Santa Maria*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2016.
- GOMES, Valéria Severina; LOPES, Célia Regina dos Santos. Formas treatmentais em cartas escritas em Pernambuco (1869-1969): tradição discursiva e sociopragmática. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 24, p. 137, 2016.
- KABATEK, Johannes. Tradições discursivas e mudança lingüística. In: LOBO, Tânia, RIBEIRO, Ilza, CARNEIRO, Zenaide & ALMEIDA, Norma (Eds.): *Para a história do português brasileiro: novos dados, novas análises*, Salvador: EDUFBA, 2006.
- LABOV, William. *Principles of Linguistic Change*. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.
- LOPES, Célia; MACHADO, Ana. Carolina.; PAGOTTO, Emílio; DUARTE, Eugênia.; CALLOU, Dinah; OLIVEIRA, Joseane; ELEUTÉRIO, Sílvia; MARTELOTTA, Mário. Alberto. configuração da norma brasileira no século XIX: análise das cartas pessoais dos avós Ottoni. In: Tânia Lobo, Ilza Ribeiro, Zenaide Carneiro e Norma Almeida (Orgs.). *Para a História do Português Brasileiro*. Vol. VI – Novos dados, novas análises, Tomo II. Salvador: EDUFBA, 2005, p. 781-815.
- LOPES, Célia Regina dos Santos. Tradição discursiva e mudança no sistema de tratamento do português brasileiro: definindo perfis comportamentais do século XX. *Alfa: Revista de Linguística (UNESP. São José do Rio Preto. Online)*, v. 55, p. 361-392, 2011.
- KOCH, Peter. Urkunde, Brief und öffentliche Rede. Eine diskurstraditionelle Filiation im Medienwechsel, *Das Mittelalter* 3, p. 13-44, 1998.
- MARCUSCHI, Luis Antônio. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). *Gêneros Textuais: reflexões e ensino*. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 17-31.
- MASIP, Vicente. *Fundamentos lógicos da interpretação de textos e da argumentação*. 1. ed. Rio de Janeiro: GEN/LTC, 2012.
- PESSOA, Marlos de Barros. Da carta a outros gêneros textuais. In: LAMOGLIA, Maria Eugênia; CALLOU, Dinah et al. (Orgs.). *Para a história do Português brasileiro. Notícias de corpora e outros estudos – vol. IV*. Rio de Janeiro: UFRJ/FAPERJ, 2002, 197-205.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. Aspectos sincrônicos e diacrônicos do imperativo gramatical no português brasileiro. *Alfa*, São Paulo, 51 (1), p. 189-222, 2007.
- SILVA, Aldeir Gomes da. Cartas de Amor Pernambucanas da primeira metade do século XX: uma análise do subgênero. *Diálogo das Letras*. V.5, p.199 - 215, 2017.

- SILVA, Aldeir Gomes da; GOMES, Valéria Severina. Correspondências entre amigos pernambucanos da primeira metade do século xx: tradição discursiva e ensino. *Revista do GELNE*, v.18, p.80 - 104, 2017.
- SOUZA, Janaína Pedreira Fernandes de. *Mapeando a entrada do você no quadro pronominal: análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.